

#RACISMO: EFEITOS DISCURSIVOS DE DISCRIMINAÇÃO NA REDE SOCIAL INSTAGRAM

#Racism: discursive effects of discrimination on the social media Instagram

Vanessa Priscila Gameiro Marques¹
Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli²

RESUMO

Neste artigo, buscamos compreender os efeitos discursivos relacionados ao racismo e a discriminação na rede social Instagram. Para o desenvolvimento da pesquisa, ancoramo-nos nos conceitos de racismo e de discriminação a partir do que pontuam Moreira (2019) e Munanga (2010). Além disso, objetivamos perceber, com base na Análise do Discurso de vertente francesa pecheutiana e em autores como Orlandi (2018) e Pêcheux (1975), de que maneira os discursos são atravessados pela ideologia, pela memória, pelo silêncio, pelas identificações, pelas contraidentificações e pelas desidentificações. O *corpus* de análise foi composto a partir da busca com o uso das *hashtags* (#) #injustiçasocial e #racismo na rede social Instagram e é formado por publicações e comentários dessas publicações realizados entre os anos de 2023 e 2025 no perfil *almapretajornalismo*, os quais demonstram a inquietação do sujeito-usuário diante de situações de preconceito.. Nossa pesquisa parte do pressuposto de que os discursos não são neutros e de que o racismo é constitutivo da sociedade. Dessa maneira, concluímos que os sujeitos-usuários são afetados a partir das posições discursivas assumidas, com base na reprodução ou na ruptura da formação discursiva em que se inscrevem.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Ideologia; Racismo; Hashtags; Comentários.

ABSTRACT

This article seeks to understand the discursive effects related to racism and discrimination on the social media *Instagram*. For the development of the research, we based ourselves on the concepts of racism and discrimination based on what Moreira (2019) and Munanga (2010) point out. Moreover, the project aims to perceive, based on the french pecheutian Discourse Analysis and on authors such as Orlandi (2018) and Pêcheux (1975), how discourses are permeated by ideology, memory, silence, identifications, counter - identifications and disidentifications. The corpus of the analysis was made up from the search for the use of the hashtags (#) #socialinjustice and #racism on the social media Instagram and is composed by social media posts and the comments from these publications during 2023 and 2025 on the *almapretajornalismo*'s Instagram profile, which demonstrate the subject - user's concern regarding prejudiced situations. Our research is based on the assumption that discourses are not neutral and that racism is constitutive in the

¹ Licencianda em Letras-Português pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² Docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Pernambuco (UFPE).

society. In this way, we conclude that the subjects - users are affected by the assumed discursive positions, based on the reproduction or rupture of the discursive formation in which it is inscribed.

Keywords: Discourse Analysis; Ideology; Racism; Hashtags; Comments.

PONTO DE PARTIDA

O Brasil segue sendo reflexo de sua construção escravista, perpetuando-se a discriminação e a marginalização da pessoa preta a partir de características fenotípicas, mesmo após denúncias ativas em espaços jornalísticos, como jornais online e perfis de redes sociais como o Instagram. Desse modo, ao falarmos do racismo, refletimos sobre o problema estrutural e social presente na nação brasileira, evidenciando ações que ocorrem em diversos contextos, como agressões verbais e física e/ou estruturais, com a perpetuação da discriminação. Sobre essa questão, Moreira (2019, p.29) afirma que

Atos racistas seriam exemplos clássicos do que chamamos de discriminação direta: uma ação intencional e arbitrária baseada em um critério de tratamento ilegítimo, o que pode colocar as pessoas em uma situação de desvantagem temporária ou duradoura.

Assim, entendemos que tais atos não são isolados e colaboram para a manutenção das desigualdades raciais. Além disso, o racismo não se limita a ações e atitudes isoladas, mas também apresenta-se nas estruturas sociais, institucionais e culturais, e sua reprodução normaliza a desigualdade.

Segundo Munanga (2010, p.2),

O fenômeno chamado racismo tem uma grande complexidade, além de ser muito dinâmico no tempo e no espaço. Se ele é único em sua essência, em sua história, características e manifestações, ele é múltiplo e diversificado, daí a dificuldade para denotá-lo, ora através de uma única definição, ora através de uma única receita de combate.

Com isso, podemos observar que o racismo não é estático, apesar de sua essência. O combate a ele é necessário e diário, pois está enraizado na sociedade brasileira. Por isso, falar da discriminação racial é importante, visto que há a perpetuação da desigualdade com base na cor das pessoas. Segundo Modesto

(2021, p.9), não “se trata de falar sobre raça, mas de ter os processos de racialização atravessando discursividades, ainda que por efeitos do silenciamento, da contradição, da metáfora, da paráfrase, da paródia etc.”, discursividades essas presentes no dinamismo da rede social Instagram.

Dessa maneira, tal temática segue vigente, sendo contemporânea e transversal, e apresenta discussão necessária, pois, como pontuado por Modesto (2021, p. 9), “os discursos racializados apontam para o processo de racialização das condições de produção, formulação e circulação dos discursos e não para a especificidade de um tema (como raça ou racismo).” Desse modo, observamos a racialização presente nos discursos, que não são neutros, e nos silenciamentos, sendo fundamentados pelo uso social a partir de sujeitos, lugares e formas.

Além disso, pontuamos que os discursos racistas e discursos racializados podem ser vistos como sinônimos, no entanto, destacamos nesta presente pesquisa suas singularidades. Em relação ao discurso racista, evidenciamos o intuito de agredir e atacar a pessoa preta; já o discurso racializado refere-se à discursos que são permeados pelo sócio-histórico e operam como reflexo da memória.

Para o desenvolvimento deste trabalho, partimos da pesquisa de Iniciação Científica (IC), realizada durante o ano de 2023 e concluída em 2024, financiada pelo CNPq, sob orientação da Prof. Dra Fernanda Galli e intitulada “Racialização em (dis)curso: efeitos de discriminação e silenciamento no Instagram. Nessa pesquisa, buscamos: (i) analisar os modos de racialização em discursos midiáticos, a partir das *hashtags* (#) #racismo e #injustiçasocial, (ii) analisar os efeitos de discriminação racial em postagens na rede social Instagram; (iii) compreender como o silêncio funciona nos discursos racializados em circulação nas postagens e nos comentários, de maneira a pontuar o atravessamento racial presente no discurso e que funciona como discriminação.

Nessa perspectiva, com intuito de dar continuidade à reflexão desenvolvida na pesquisa de IC, lançamos, novamente, nosso olhar para a racialização a partir de uso de *hashtags* (#) no Instagram, especificamente #racismo e a #injustiçasocial. A partir do buscador de pesquisa da rede social, buscamos encontrar a página da qual recortamos o material de análise. Como ponto de partida, elaboramos as seguinte questões: como os efeitos de discriminação são formulados por sujeitos-usuários na rede social Instagram?; como os comentários de postagens da rede social Instagram possibilitam flagrar os movimentos de

identificação e desidentificação dos sujeitos-usuários, a partir da articulação entre memória e ideologia?

Justificamos essa temática porque faz-se necessário refletir sobre o silêncio que atravessa a racialização e a discriminação no Instagram. Segundo Orlandi (2018, p. 61), “com ou sem palavras, esse silêncio rege os processos de significação.”, de modo que ressaltamos que o silêncio não é o contrário da linguagem, mas parte constituinte do discurso, assim como a memória, a qual compõe o discurso e lhe dá sentido, visto que “(...) ‘aciona’, faz valer, as condições de produção” (Orlandi, 2015, p.28).

Ainda com base na autora, ressaltamos que “Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (Orlandi, 2015, p.37) e, sendo assim, ao voltarmos nosso olhar para os comentários das publicações no Instagram, observamos de que maneira esse discurso é constituído a partir da discriminação, em um movimento de análise. Não buscamos encontrar o sentido único ou verdadeiro dos discursos, “mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica” (Orlandi, 2015, p. 57).

Com base nas observações a respeito das identificações, das contraidentificações e das desidentificações propostas por Pêcheux (1975), buscamos analisar de que maneira esses processos emergem nos comentários das publicações, destacando e relacionando com o divulgado e denunciado nas publicações realizadas pelo perfil da rede social Instagram *almapretajornalismo*. Buscamos, assim, perceber como os discursos racializados são colocados em circulação e estão atravessados pelo reconhecimento e pela revolta dos sujeitos-usuários, a partir da análise dos efeitos da discriminação racial nos comentários de postagens no Instagram. Como objetivo específico, buscamos compreender o movimento de identificação, de contraidentificação e de desidentificação dos sujeitos por meio dos comentários.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A Análise do Discurso (AD) de vertente francesa pecheutiana tem como objeto de estudo o olhar para além do sistema gramatical, mas o entendimento a partir do dinamismo linguístico, constituindo-se do discurso, da ideologia, do sujeito, dos efeitos de sentido e também da memória. Assim como pontuado por

Pêcheux e Fuchs (1990, p. 166-167),

Se deve conceber o discurso como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico.

A partir disso, compreendemos que o sujeito é constituído no e pelo discurso. Além disso, evidenciamos que o discurso não é permanente, mas encontra espaço para deslocamentos e ressignificações.

Dessa forma, entendemos que a AD não trata da ideologia de forma abstrata, mas leva em consideração a sua materialização e atuação no interior dos discursos. Ainda no tocante à Ideologia, destacamos que não há neutralidade e nem transparência na linguagem. Com base em Orlandi (2015, p. 94), entendemos que “(...) a ideologia se liga inextricavelmente à interpretação enquanto fato fundamental que atesta a relação da história com a língua, na medida em que esta significa”. Sendo assim, a ideologia apresenta-se como elemento de sentido, estruturando os discursos e dando funcionamento à linguagem.

Observamos, também, conforme a AD, o silêncio e de que maneira ele aparece no discurso. Dessa forma, destacamos as formas em que o silêncio se apresenta, seja como silêncio fundador, que “(...) torna a significação possível” (Orlandi, 2018, p. 102) ou como política do silêncio que “(...) dispõe as cisões entre o dizer e o não-dizer” (Orlandi, 2018. p. 102). Além disso, evidenciamos que o silêncio não é apenas a falta, mas funciona como um espaço de omissão ou de resistência dentro do discurso.

Com isso, compreendemos que, para além do dito, há o não dito e que se faz necessário o olhar atento para ele, visto que no silêncio há sentido e em conjunto com ele, compõe-se o discurso. Desse modo, é cabível destacar também que “A relação do sujeito com as formações discursivas³ tem o silêncio como componente essencial. Este permite a constituição da história do sujeito não

³ “aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito.” (Orlandi, 2015, p. 41).

apenas como reprodução mas como transformação dos sentidos.” (Orlandi, 2018, p.87). Dessa forma, entendemos que precisamos observar as condições de produção do discurso em paralelo com sua historicidade.

Ademais, “(...) na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história.” (Orlandi, 2015, p. 23). A partir disso, buscamos pontuar a racialização presente nos discursos e seus atravessamentos histórico-sociais, pois a AD “visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentido, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido” (Orlandi, 2015, p. 23).

Além disso, a partir da AD, entendemos que as formações discursivas (FD) são constituídas por suas referências e que “É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes” (Orlandi, 2015, p. 42). Dessa maneira, observamos que os discursos são compostos a partir de seus atravessamentos ideológicos, no caso de nosso objeto de pesquisa - a racialização -, é constituído por toda a construção social brasileira e refletido nas relações cotidianas.

Ao estudarmos o sentido do tema em questão, faz-se necessário o olhar atento para os entrelaçamentos existentes entre as vivências e as histórias, já que, como pontuado por Orlandi (2015, p.40), o “sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”. Por outro lado, no entanto, faz-se necessário lembrar ainda que os discursos são construídos e colocados em circulação, considerando a heterogeneidade, como aponta Orlandi (2015, p.42):

(...) é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações.

Sendo assim, observamos que as formações discursivas (FD) estão em constante transformação, pois funcionam a partir das disputas de sentido com base nos atravessamentos do sujeito. Ademais, FDs apresentam-se a partir de retomadas e/ou negações de outros discursos anteriormente ditos.

Desse modo, percebemos que não há uma forma definida e fechada para a circulação dos discursos. Além disso, a AD nos permite compreender a maneira como os discursos são formulados e suas relações com os sujeitos. Dessa forma, com base em Pêcheux (1975), destacamos as três possibilidades de relação do sujeito com o discurso, a saber: a identificação, a contraidentificação e a desidentificação. Compreendemos que o ideológico e o inconsciente são elementos constitutivos do discurso e do sujeito; assim, pontuamos que através da forma-sujeito há identificações relacionadas ao dito e ao não-dito. A partir disso, ao observarmos a interpelação que se dá por meio da identificação do sujeito da FD e também da forma-sujeito, a partir do proposto Pêcheux (1975, p. 266):

(...) é na forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, que se realiza o non-sens da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira, isto é, de que “eu sou realmente eu”.

Assim, buscamos refletir sobre como os sujeitos-usuários da rede social Instagram se identificam por meio do discurso. Mas também observamos o movimento de contraidentificação (Pêcheux, 1975), ao percebermos questionamentos e desconfortos presentes nos comentários realizados em publicações, visto que os sujeitos fragmentam-se e buscam uma nova identificação. Focamos, ainda, no movimento de desidentificação, realizado a partir do rompimento do sujeito com a FD em que se identificava, com interesses divergentes das relações de produção, constituindo, dessa forma, uma outra FD e outra forma-sujeito. Desse modo,

(...) se efetua, paradoxalmente, no sujeito, por um processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos [representação da necessidade-real na necessidade-pensada], processo no qual a interpelação ideológica continua a funcionar, mas, por assim dizer, contra si mesma” (PÊCHEUX, 1975, p. 270).

Não há, então, um apagamento do sujeito, mas uma transformação subjetiva dos sentidos, a qual buscamos analisar a partir do enfoque interpretativo da teoria discursiva de base pecheutiana, em que o discurso é compreendido em conjunto com o silêncio, a memória, a ideologia e o sujeito. De acordo com Petri (2013, p. 40), o “dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso se

constroi num movimento pendular entre teoria e análise”, pois torna-se indispensável a ida e volta à teoria durante o processo analítico do *corpus* e vice e versa. No entanto, o pêndulo em questão tem o movimento imperfeito, visto que cada discurso é singular, de acordo com sua condição de produção, e necessita do olhar do analista para ser interpretado.

No movimento de análise, consideramos também as condições de produção e as condições sócio-históricas envolvidas. Ressaltamos, desse modo, o lugar das condições de produção no discurso (Orlandi, 2015), visto que a análise compreende o sujeito e a situação, além de fazer parte dele, pois destaca-se a posição do sujeito, o momento em que está inserido, e o lugar social e político em que ele se sustenta.

Dessa forma, entendemos que os procedimentos realizados “têm a noção de funcionamento como central” (Orlandi, 2015, p.75) e, com isso, faz-se imprescindível o olhar para a constituição de sentidos e dos sujeitos. Observamos, também, como pontuado por Orlandi (2007, p.33), que é “preciso insistir que a matéria significativa do silêncio é diferente da significância da linguagem (verbal e não-verbal). Ao tornar visível a significação, a fala transforma a própria natureza da significação.”, e, com isso, compreendemos que há sentido presente no silêncio e o não dito significa, não se tornando ausência, mas constituindo-se. Dessa maneira, ressaltamos que “(...) o silêncio não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é.” (Orlandi, 2007, p. 31).

Como já sinalizamos, partimos da página do Instagram *almapretajornalismo* (Figura 1), a qual intitula-se “agência de jornalismo especializada na cobertura da temática racial no Brasil e no mundo”, encontrada com a utilização das *hashtags* (#) #racismo e #injustiçasocial no buscador da rede social Instagram, as quais “nos guia(ram) a investigar determinadas regularidades nos discursos” (Grigoletto; Galli, 2021, p. 236). Essa página, desde o seu nome, faz o contraponto à fala racista “preto de alma branca”, o que reverbera o orgulho e a identidade da população negra e dos que compõem a página.

Figura 1 - print da página inicial do perfil @almapretajornalismo no Instagram



Fonte: almapretajornalismo

O material analisado foi recortado de publicações realizadas entre os anos de 2023 e 2025, as quais denunciam a discriminação e trazem à tona movimentos de identificação, de contraidentificação e desidentificação dos sujeitos-usuários. Para o desenvolvimento da análise, selecionamos 3 comentários de cada uma das publicações recortadas e já analisadas na pesquisa de Iniciação Científica, as quais são ponto de partida para o recorte dos comentários que analisamos. Vejamos a primeira publicação:

Figura 2 - print de uma publicação do perfil @almapretajornalismo no Instagram



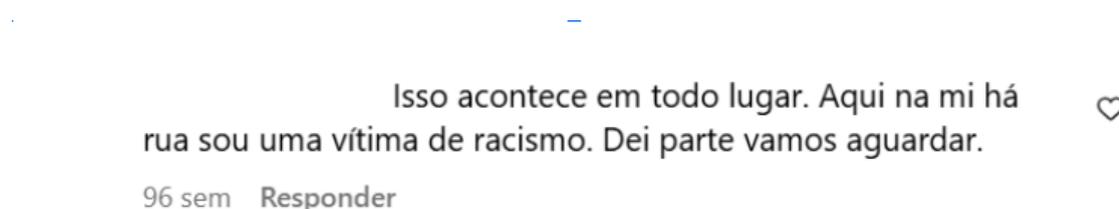
Fonte: almapretajornalismo

Diante do recorte acima, lançamos as seguintes perguntas: por que “preto imundo”? Um homem branco seria nomeado ou chamado de “branco imundo”? Um homem branco seria ofendido, teria sua cara cuspidada? Uma mulher preta faria o mesmo com um homem branco? E ao tentarmos responder a tais questionamentos, observamos a discriminação contida em “Preto imundo”, que tem base no uso do adjunto adnominal “imundo”, marcado pelo uso linguístico enraizado na sociedade. Além disso, o uso de tal aparato linguístico traz o efeito de sentido de sentir-se acima dos outros, pois quando a pessoa branca coloca essa formulação em circulação, emerge o efeito de uma hierarquia, de uma certa superioridade.

Também destacamos a afirmação presente na legenda “Você se vitimiza por ser preto.”, a qual entendemos como uma tentativa tanto de potencializar a ideia de que não há racismo, quanto de deslegitimar a luta e a resistência vivida pelas pessoas pretas. Além disso, na formulação “Você é preto, por isso está na merda.”, compreendemos que reflete a naturalização da discriminação e a afirmação de que “estar na merda” é inerente a ser preto, refletindo o olhar racista de inferiorização das pessoas pretas em relação às pessoas brancas.

A partir disso e sabendo que, conforme Orlandi (2015, p. 41,) “toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros dizeres: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”, buscamos olhar para comentários dessa publicação para percebermos de que maneira os sujeitos-usuários são afetados diante de tal problemática e como a memória apresenta-se nesses dizeres. Assim, abaixo, trazemos recortes de comentários dessa publicação para que possamos refletir sobre o dito e o não dito presentes, e também a respeito das identificações, das contraidentificações e das desidentificações.

Figura 3 - Print retirado de comentário em resposta à publicação apresentada pela Figura 2, do perfil @almapretajornalismo, no Instagram



Fonte: almapretajornalismo

No comentário acima, percebemos que há a identificação do sujeito-usuário, não com o dito, mas com a situação vivida, com a memória e com o entrelaçamento sócio-histórico, a partir da perpetuação e da reprodução de comportamentos preconceituosos na sociedade. Notamos a identificação do sujeito-usuário, pois, segundo Pêcheux (1975, p.163), os discursos são “re-inscritos no discurso do próprio sujeito”, de maneira que a memória e a ideologia emergem nos comentários e, dessa forma, notamos que as marcas e as experiências das pessoas pretas são coletivas e atravessam-se por meio do sentimento, do vivido e do discurso compartilhado. Mas também há contraidentificação, visto que o sujeito-usuário apresenta desconforto com o formulado e distancia-se da formulação realizada anteriormente.

Na formulação “Isso acontece em todo lugar”, notamos a persistência e a naturalização de situações racistas e percebemos a recorrência, a qual excede casos isolados e apresenta-se em diversos espaços da sociedade, conforme vemos na formulação “em todo lugar”, ecoando que não apenas em instituições como a mencionada na publicação, mas também em locais que deveriam ser de segurança, como a rua de casa. Interpretamos, então, a reverberação e a crítica ao funcionamento social e, nesse momento, evidenciamos os efeitos de sentido, pois ao interpretarmos “(...) aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá” (Orlandi, 2015, p. 43) e entendemos a necessidade de desnaturalizar o silenciado e perceber a posição estabelecida pelo sujeito-usuário, a de denúncia.

Além disso, observamos a não prioridade da denúncia e do agir a uma situação clara de discriminação, pois o sujeito afirma “Dei parte vamos aguardar”; no entanto, nos questionamos sobre o uso do verbo “aguardar”. Numa situação persistente e evidente, qual o motivo para aguardar, tendo em vista que, constitucionalmente, o racismo é crime, imprescritível e inafiançável? Dessa forma, evidenciamos a desatenção dos órgãos responsáveis a denúncias como essas e a reprodução do descaso com as pessoas pretas, e compreendemos que, desde os tempos da abolição da escravidão, a discriminação segue presente e atuante na sociedade brasileira.

Figura 4 - Print retirado de comentário em resposta à publicação apresentada na Figura 2, do perfil @almapretajornalismo, no Instagram

Eu sou brasileira mas eu tenho muita vergonha do meu País 

96 sem Responder

Fonte: almapretajornalismo

Nesse outro comentário, também recortado da publicação representada pela Figura 2, o sentimento patriótico é deixado de lado diante de situações reais de racismo. O sujeito-usuário parece não compactuar com o dito, pois compreendemos a ruptura existente com a expressão “Preto imundo”, visto o sentimento de vergonha verbalizado no comentário, o que é possível visualizar pois, conforme Orlandi (2015), sempre precisamos interpretar para que haja sentido e ficarmos diante da questão “O que isto quer dizer?” (p.43). Desse modo, o sujeito se inscreve no comentário se desidentificando com o dito na publicação, pois há o rompimento com o discurso realizado.

Com isso, ressaltamos a desidentificação do sujeito-usuário com base em sua afetação representada por meio da língua: ao dizer “eu tenho muita vergonha do meu país”, esse sujeito, atravessado pela ideologia, ocupa posição diferente daquele do discurso da publicação. Além disso, mesmo vivendo no mesmo país e compartilhando do mesmo saber a respeito da escravidão e da discriminação, reflete o pensamento antirracista, o qual deveria ser vivido por todos os brasileiros. Com base em nossa interpretação, também observamos a desidentificação com o não dito que emerge na publicação, pois além de ofender também há o ato de cuspir na pessoa preta, o que é desaprovado pelo sujeito-usuário que comenta na publicação em questão.

Figura 5- Print retirado de comentário em resposta à publicação apresentada na Figura 2, do perfil @almapretajornalismo, no Instagram

Sou a vítima que aparece no vídeo. Agradeço  a todos pelas mensagens de apoio e empatia, estou sendo muito bem representado juridicamente pela [@minhaadvogada_](#). Para aqueles que queriam uma reação com violência, sou um jovem preto e sabemos como acabaria de tivesse reagido!!

96 sem 4 curtidas Responder ...

Fonte: almapretajornalismo

No comentário acima, vemos o relato da vítima de discriminação, daquele que luta contra a intolerância e pela simples liberdade de existir e ser respeitado. O homem que foi agredido, tanto verbalmente, por meio de palavras ofensivas, quanto fisicamente, com cuspidas, destaca que já está sendo assistido por uma advogada e que será representado juridicamente.

Dando seguimento à leitura do comentário, percebemos a desidentificação, visto que há a transformação e o deslocamento ideológico e discursivo do sujeito-usuário, por meio de um rompimento parcial com a FD, produzindo outro sentido por causa do ocorrido, o que é possível compreender pelo discurso em outros comentários da publicação (tais como: “O pior de tudo isso, é que se o aluno reagisse com violência, como qualquer ser humano no momento de raiva, provavelmente ainda sairia como errado... E ela como vítima. A lei não é a favor do negro.” e “Tá virando um hábito. Precisamos normalizar e fazer virar hábito, agr&dir esse tipo de gente”). Com o intuito de interpretarmos os atravessamentos, destacamos o afirmado pela vítima. Evidenciamos que Marcos (nome apresentado na legenda da Figura 2), ao dizer que “Para aqueles que queriam uma reação com violência, sou um jovem preto e sabemos como acabaria se tivesse reagido”, coloca-se no lugar inferiorizado, pois entendemos que a retaliação seria maior/equivocada caso ele tivesse reagido, apenas por ser preto.

Além disso, compreendemos o atravessamento sócio-histórico que se manifesta no medo de ser recriminado, mesmo estando no lugar de se defender. Também, a ideologia, a qual reflete no mecanismo de estruturação da significação e constituição do sujeito, apresenta-se no discurso, pois a vítima manifesta sentimentos de inferioridade e desvantagem em relação à pessoa branca, e trauma

por causa da violência vivida.

Figura 6 - Print de uma publicação do perfil @almapretajornalismo no Instagram



Fonte: almapretajornalismo

Figura 7 - Print de continuação da legenda da publicação do perfil @almapretajornalismo no Instagram



Fonte: almapretajornalismo

Destacamos, nessa publicação, o dito pelo presidente da Liga Nacional de Fútbol Profesional (LaLiga), Javier Tebas, “Racismo é um caso extremamente pontual”, em resposta ao caso de racismo ocorrido durante e após jogos de futebol

contra o jogador brasileiro que atua na seleção brasileira e no time europeu Real Madrid Club Fútbol, Vinícius Júnior. A partir disso, questionamos-nos a qual pontualidade ele está se referindo, tendo em vista que casos corriqueiros estão/estavam a acontecer quando este recorte foi feito, desde imitações de macacos (animal popularmente visto como inferior em evolução e frequentemente utilizado para a desumanização da pessoa preta) a amarrar um boneco com a camisa do jogador supracitado pendurado em um viaduto. A fala do presidente reflete e corrobora o silenciamento, conforme Orlandi (2018), pois o silêncio não é o não dito, mas o que foi apagado e/ou colocado de lado, tendo em vista a descredibilização da luta do jogador/jogadores contra o racismo e a omissão institucional.

Observamos, ainda, a preocupação do presidente da LaLiga com sua afirmação destacada na legenda “Nem Espanha e nem LaLiga são racistas, é muito injusto dizer isso.”, e tornamos a nos questionar: como não se é racista se casos estão acontecendo de forma não isolada, tendo em vista que vários jogadores frequentemente sofrem discriminação apenas por estarem em campo? Desse modo, evidenciamos para além do silenciamento, conforme Moreira (2019, p. 35), o racismo institucional, pois esse é parte do funcionamento normal da instituição e “(...) não levam em consideração o impacto de suas decisões ou de suas omissões na vida dos diferentes grupos raciais”. Omissão evidenciada na fala do presidente da LaLiga.

Ainda, Javier Tebas destaca “(...) não podemos permitir que seja manchada a imagem de uma competição que é acima de tudo de união entre os povos”, mas se há discriminações, entendemos que a competição já está manchada, tendo em vista que o racismo é um ato a ser condenado. Assim, constatamos a tentativa de silenciar, com base em Orlandi (2018, p. 61), já que o silêncio é aquele que “com ou sem palavras, (...) rege os processos de significação”, visto a tentativa de abafar as situações preconceituosas, afirmando a impunidade e fortalecendo o racismo institucional/estrutural. Ao voltarmos nosso olhar para os comentários dessa publicação (figura 6), buscamos destacar as manifestações dos sujeitos-usuários, as quais funcionam como processos de identificação ou contraidentificação ou desidentificação.

Figura 8 - Print de comentário em resposta à publicação apresentada na Figura 6, do perfil @almapretajornalismo no Instagram



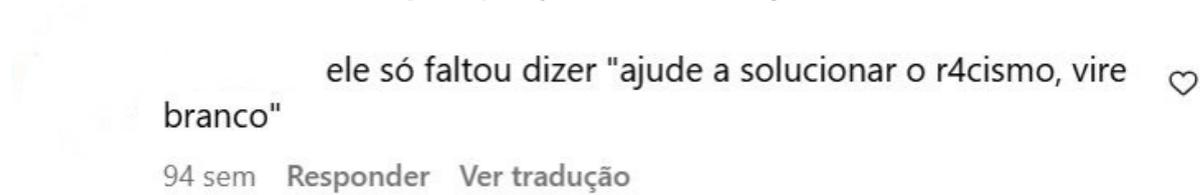
Fonte: almapretajornalismo

Ao observarmos o comentário acima, percebemos a ironia e o sarcasmo presentes a partir da indagação “Pontual?” realizada pelo sujeito-usuário, e compreendemos que, por meio de sua manifestação no comentário da publicação, há indignação à situação ocorrida e discordância com o dito pelo presidente da LaLiga. Dessa forma, compreendemos o processo de desidentificação, pois esse acontece a partir do momento em que o discurso rompe com a posição discursiva assumida por Javier Tebas e abre espaço para um novo discurso, um novo significado, o que evidenciamos com o questionamento realizado no comentário, que contraria o afirmado na publicação.

Além disso, destacamos que a formulação “Explica pra ele que ‘o ponto’ é que nem deveria acontecer!” visa demonstrar e confrontar a romantização do discurso feito pelo presidente da LaLiga, ao afirmar que o racismo ocorrido institucionalmente é pontual. O sujeito-usuário, ao afirmar que não deveria acontecer, retira a relativização do dito pelo presidente da LaLiga e reforça o seu posicionamento contrário, visando ir contra o discurso preconceituoso e demonstrando sua contradição ideológica ao anteriormente afirmado.

Ao lançarmos-nos à interpretação do dito pelo sujeito-usuário em consonância com os atravessamentos sócio-históricos nele presentes, buscamos em primeiro lugar trazer a “(...) relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos.” (Orlandi, 2015, p. 45) e, em segundo, observar como o discurso é construído com base nesses pilares. Assim, evidenciamos as marcas que os discursos trazem e que a desidentificação, mesmo com discursos de momentos contemporâneos, são possíveis, a depender do sujeito e de como a ideologia o atravessa.

Figura 9 - Print de comentário em resposta à publicação apresentada na Figura 6, do perfil @almapretajornalismo no Instagram



Fonte: almapretajornalismo

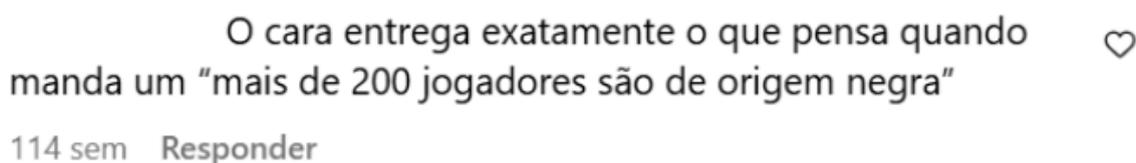
Na interpretação do comentário acima, questionamos-nos: “Por que o sujeito-usuário afirma que para solucionar o racismo é preciso virar branco?” “De que maneira a branquitude é enxergada pela sociedade?” “Por que o sujeito-usuário, mesmo que de maneira irônica, sugere essa solução?” “Será que toda a discriminação acabaria apenas o apagamento da cor e do silenciamento das lutas antirracistas realizadas pelas pessoas pretas?”. É fato que, para tentarmos chegar em tais respostas, precisamos ir além do comentário feito e da publicação realizada, pois o racismo está presente na sociedade brasileira desde os primórdios de sua formação, a qual utilizou de mão de obra preta - que não possuía direitos - para realizar suas vontades.

Para além disso, no tocante à branquitude, de acordo com a antropóloga Lilia Schwarcz (2024, p. 10), vemos o funcionamento de “um sistema internalizado de privilégios materiais e simbólicos que se ancora no passado mas exerce suas prerrogativas no presente”, esse depende de ações múltiplas e incessantes, mas segue atuante na sociedade. Diante disso, evidenciamos a institucionalização presente no racismo que é naturalizado e funciona automaticamente nos discursos, o que vemos na Figura 6), na questão material, visto que está relacionada ao trabalho e reverberada pela revolta no comentário (Figura 8).

No entanto, ao trazermos tais pontuações para os dias atuais, compreendemos os resquícios deixados pela escravidão e que a afirmação, mesmo que de forma sarcástica, reitera essa visão aristocrática de que os brancos são os únicos que devem ser respeitados. Acreditamos, então, que o sujeito-usuário faz tal afirmação por meio do discurso, pois percebe que para que haja mudança na sociedade, precisa-se que as pessoas brancas queiram, indicando a mudança necessária de ideologia, visto que não são as pessoas pretas que têm que mudar, mas sim aqueles que fazem e perpetuam a discriminação.

Dessa forma, compreendemos a quebra no discurso, a desidentificação conforme Pêcheux (1975), pois não há anulação, mas a interrupção da ideologia que atravessa o discurso, uma tentativa por evidenciar que não há falas neutras, mas demonstram a perpetuação dos efeitos de discriminação.

Figura 10 - Print de comentário em resposta à publicação apresentada na Figura 6, do perfil @almapretajornalismo no Instagram



O cara entrega exatamente o que pensa quando manda um "mais de 200 jogadores são de origem negra"

114 sem Responder

Fonte: almapretajornalismo

Ao lermos o comentário acima, retornamos a publicação para olharmos a legenda e destacamos outro ponto dito por Javier Tebas (Presidente da LaLiga), pois ele afirma "Não podemos permitir que seja manchada a imagem de uma competição que é acima de tudo um símbolo de união entre os povos, onde mais de 200 jogadores negros recebem diariamente o respeito e o carinho de todos os torcedores, sendo o racismo um caso extremamente pontual (9 denúncias) que vamos erradicar". A partir disso, tornamo-nos a fazer questionamentos para destacarmos a problemática existente na fala do Presidente da LaLiga, como: "Por que faz-se necessário ressaltar a quantidade de jogadores negros na LaLiga?" "Qual a relevância dos números em relação ao caso de discriminação?" "De que maneira essa informação agrega na luta contra a discriminação?"

Ao destacarmos as questões supracitadas, compreendemos o porquê da afirmação realizada "O cara entrega exatamente o que pensa quando quando manda 'mais de 200 jogadores são de origem negra'" e destacamos o motivo de ser marcada por indignação e revolta, tendo em vista que ao usar esse argumento, Javier Tebas tem como tentativa a anulação do racismo dentro da LaLiga, visto que há essa quantidade de jogadores pretos e, dessa forma, não seria possível ser racista. Além disso, destacamos a problemática na fala do Presidente da LaLiga ao equiparmos a frase "não sou racista, tenho amigos negros", a qual silencia a violência e a discriminação, é carregada de preconceito, pois precisamos ser

antirracistas independente de termos e sermos amigos de pessoas pretas e, ainda, funciona como justificativa discursiva.

Desse modo, evidenciamos a desidentificação do sujeito-usuário com o discurso realizado na publicação, a partir da ruptura entre os dois discursos apresentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rede social Instagram é um espaço múltiplo, permeado de publicações e comentários realizados por diversos sujeitos-usuários que produzem seus discursos, os quais são constituídos pela memória, pela ideologia, pelo silêncio, pelas identificações, pelas contraidentificações e pelas desidentificações. As publicações e os comentários não apenas destacam o dito, mas os atravessamentos sócio-históricos, demonstrando que o discurso não é neutro.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, detivemo-nos, com base na AD, em nossas questões de pesquisa que foram “Como os efeitos de discriminação são formulados por sujeitos-usuários na rede social Instagram?”; “Como os comentários de postagens da rede social Instagram possibilitam flagrar os movimentos de identificação e desidentificação dos sujeitos-usuários, a partir da articulação entre memória e ideologia?”. Nosso objetivo foi o de compreender o movimento de identificação, de contraidentificação e de desidentificação dos sujeitos por meio dos comentários, a partir do qual buscamos evidenciar a importância do olhar atento para além do dito, do materializado nas postagens e nos comentários.

Em relação às práticas discursivas, observamos que os discursos virtuais são moldados e interferem na realidade, atravessando as fronteiras entre o real e o virtual, tendo em vista que os sujeitos-usuários normalizam comportamentos e discursos utilizados na rede social e reverberam nas ações no dia a dia. Também destacamos que quando o discurso que circula no virtual ultrapassa as barreiras desse espaço, eles podem funcionar para reforçar os preconceitos e discriminações, como o notamos no desenvolvimento deste trabalho.

Como efeito de conclusão, apontamos que, após os comentários analisados, os discursos não apenas refletem a sociedade, mas atuam sobre ela ao reproduzirem ou romperem com as formações discursivas constituídas pela discriminação racial. Assim, a análise permitiu que compreendêssemos o

funcionamento do discurso com base na racialização que emerge nas postagens e nos comentários, sendo essencial para problematizarmos de que maneira as estruturas sociais se perpetuaram por meio do dito e do silêncio.

Esperamos, a partir da discussão do tema proposto na presente pesquisa, com base na perspectiva teórico-metodológica da AD em interface com autores que discutem a questão da racialização, contribuir com a problematização do assunto proposto e proporcionar compreensões críticas a respeito dos discursos racializados e da discriminação, tanto para a comunidade acadêmica quanto para a comunidade não acadêmica.

REFERÊNCIAS

GRIGOLETTO, Evandra; GALLI, Fernanda Correa Silveira. O funcionamento discursivo das hashtags: processo de (des)identificação ou aderência? *In*: GRIGOLETTO, Evandra; NARDI, Fabiele Stockmans de; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. **Ousar se revoltar**: Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil. Campinas: Pontes Editores, 2021.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**: feminismos plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb**, [S. l.], n. 12, p. 169-203, 2010. Disponível em: <http://penesbi.uff.br/wpcontent/uploads/sites/573/2019/02/LIVRO-PENESB-12.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.

MODESTO, Rogério. Os discursos racializados. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1-19, jul. 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851>. Acesso em: 11 fev. 2025.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise De Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. [n.p.]

PECHÊUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. Edição original: 1975.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “Dispositivo experimental” da Análise do Discurso. *In*: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. **Análise de Discurso em perspectiva**: Teoria, Método e Análise. Rio Grande do Sul: UFSM, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Imagens da branquitude**: a presença da ausência. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

AGRADECIMENTOS/ DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Luciano Marques e Mônica Gameiro, que estiveram sempre ao meu lado durante todos os desafios e todas as conquistas e que sempre fizeram de tudo para me proporcionar a melhor estrutura, com todo o amor do mundo.

À minha irmã, Andreza Gameiro, que é minha força e minha maior inspiração.

Aos meus avós, Adelino e Maria José, *in memoriam*, que são meus anjos de luz.

Ao amor da minha vida, Gabriel Machado, que sempre me impulsiona, mostra-me o quanto sou capaz e não mede esforços para estar ao meu lado, sendo o melhor companheiro que eu poderia ter.

Ao meu doguinho, Luke, e à minha gatinha, Mel, que fazem-me mãe de pet e dão-me todo o amor do mundo.

Às minhas tias, Ana Marques e Letícia Marques, e à minha prima, Erika Gameiro, que sempre fizeram questão de se fazer presente e estarem ao meu lado em todos os momentos da minha vida.

À minha melhor amiga, Amanda Albuquerque, que está comigo há quase uma década e passou várias madrugadas ajudando-me a escrever textos acadêmicos, com toda a paciência e cumplicidade do mundo.

Às minhas amigas premissas, Beatriz Vitória, Beatriz Maciel, Camila Aragão, Fernanda Barbosa e Rafaella Mayra, com quem ingressei na Universidade, enfrentamos uma pandemia, aproximamo-nos, criamos uma amizade verdadeira e foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico.

À minha sala dos professores, Brendha Rubi, Emilly Amorim, Glória Maria, Júlia Morais, Luiza Perez, Thiago Moura, que fizeram os anos finais do curso serem mais leves e prazerosos, com cumplicidade, risadas e amizade.

À minha orientadora, Profa. Fernanda Galli, que desde minha vontade de fazer o PIBIC, acreditou no meu trabalho, aceitou a ideia do projeto e seguiu comigo para o TCC, impulsionando-me com todo seu carinho e dedicação.

Por fim, gostaria de dizer que agradeço infinitamente por todo o apoio e carinho, que os amo e que vocês fizeram da minha caminhada na graduação ser mais tranquila e alegre.